

INTERVENÇÕES E ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO OBSTETRA NO TRABALHO DE PARTO E PARTO NATURAL EM HOSPITAL DO SERTÃO DE PERNAMBUCO

INTERVENTIONS AND ASSISTANCE OF THE OBSTETRIC NURSE IN LABOR AND BIRTH HOSPITAL OF THE SERTÃO DE PERNAMBUCO

Leidiane Silva Veras¹, Viviane de Souza Brandão Lima¹

¹Faculdade de Integração do Sertão – FIS, Serra Talhada-PE, Brasil.

Resumo

Introdução: O parto e o nascimento de um filho são considerados episódios extraordinários na vida de uma mulher. O profissional de enfermagem obstétrica é responsável por assistir a parturiente de risco habitual durante estes eventos, buscando alternativas antes dos procedimentos ou intervenções, para humanizar a assistência. **Objetivo:** deste estudo foi determinar como a enfermagem obstétrica facilita o parto natural identificando as intervenções mais comuns para o parto e avaliar a percepção das parturientes quanto à assistência do enfermeiro obstetra. **Metodologia:** Trata-se de um estudo prospectivo, descritivo e exploratório, com caráter quantitativo. O estudo foi realizado no Hospital Regional Emília Câmara, no município de Afogados da Ingazeira - PE, entre agosto e setembro de 2022. **Resultados** A pesquisa verificou que 55% das mulheres tinham idades entre 21 a 30 anos, 55% primigestas e 70% eram primíparas. Quando avaliadas as características sobre a assistência prestada durante o trabalho de parto e parto assistidos pela enfermagem obstétrica 40% declararam que foi utilizado algum método ou instrumento para alívio da dor, sendo mais comum a bola suíça, o banho de chuveiro e a massagem. Quanto à alimentação durante o trabalho de parto 45% das parturientes relataram ter recebido permissão para ingestão de alimentos e líquidos. Quando questionadas sobre intervenções ou estimulação para o parto 60% informaram que receberam algum meio de intervenção, sendo mais comum o uso de medicamentos apontado por 55% das pacientes. **Conclusão:** que a assistência do profissional de enfermagem obstétrica assegura e as parturientes a sua autonomia nesse momento ímpar na vida da mulher, além de garantir partos com menos intervenções, no entanto, elas ainda existem.

Palavras-chave: Assistência; Enfermagem; Intervenções; Obstetrícia.

Abstract

Introduction: Childbirth and the birth of a child are considered extraordinary episodes in a woman's life. The obstetric nursing professional is responsible for assisting parturients at normal risk during these events, seeking alternatives before procedures or interventions, in order to humanize care. **Objective:** this study was to determine how obstetrical nursing facilitates natural childbirth, identifying the most common interventions for childbirth and evaluating the perception of parturients regarding the assistance of obstetrical nurses. **Methodology:** This is a prospective, descriptive and exploratory study, with a quantitative and qualitative character. The study was carried out at the Emília Câmara Regional Hospital, in the municipality of Afogados da Ingazeira - PE, between August and September 2022. **Results** The research found that 55% of the women were aged between 21 and 30 years, 55% were primiparas and 70% were primiparous. When evaluating the characteristics of the assistance provided during labor and delivery assisted by obstetrical nursing, 40% stated that some method or instrument was used to relieve pain, the most common being the Swiss ball, shower bath and massage. As for food during labor, 45% of the parturients reported having received permission to ingest food and liquids. When questioned about interventions or stimulation for childbirth, 60% reported that they received some means of intervention, with the use of medication being more common, mentioned by 55% of the patients. **Conclusion:** that the assistance of the obstetric nursing professional assures the parturients their autonomy at this unique moment in the woman's life, in addition to guaranteeing deliveries with fewer interventions, however, they still exist.

Key words: Assistance; Nursing; interventions; Obstetrics.

Introdução

A concepção, a gravidez e o parto são fenômenos naturais que acontecem na vida da maior parte das mulheres. Estes fenômenos recebem influências socioculturais do meio, sobretudo as pertinentes ao nascimento, que está cercado de simbologia, ligada por muitas vezes a costumes culturais. No final do século XIX, a grande parte dos partos aconteciam nas residências das parturientes, assistidos por parteiras. Dar à luz fora de casa não era normal, era espantoso e ocorria somente em situações extremas, apenas em casos complicados que o médico era chamado ou quando a parteira não conseguia solucionar o problema (LEISTER et al., 2013).

A assistência ao trabalho de parto (TP), refere-se aos cuidados dados as mulheres grávidas com contrações uterinas regulares que aumentam gradualmente em termos de frequência e intensidade, ao longo do tempo, com apagamento (regressão) e dilatação do colo uterino de maneira progressiva. Para assistência ao TP e parto a equipe de enfermagem respalda-se na resolução nº 0477/2015, que assegura a assistência de enfermagem à gestante, parturiente e puérpera, acompanhamento da evolução e do trabalho de parto e execução do parto sem distorcia (COFEN, 2015).

Brasil, (2017) aponta que as parturientes devem ser respeitadas, ter acesso a informações válidas e ser envolvidas na tomada de decisões. Para isso, os profissionais que as atendem devem estabelecer com elas uma relação de confiança, conhecendo seus desejos e expectativas. Devem compreender a importância da atitude, do tom e da linguagem, e da forma de atendimento. Da mesma forma, Pereira et al. (2016), menciona que os profissionais de saúde corroboram com a vivência do parto, pois são eles que estão mais próximos das pacientes e podem colocar seus conhecimentos a serviço do bem-estar da parturiente e conceito, reconhecendo momentos críticos para sua intervenção. São estes profissionais responsáveis por minimizar a dor, ficar ao lado, dar conforto, esclarecimento, orientação, enfim, prestam assistência no trabalho de parto e nascimento.

Segundo Matei et al. (2003), humanizar o parto é entender sua importância para mãe e filho, respeitando a liberdade da mulher, permitindo-lhe controlar o seu próprio processo de parto, cabendo-lhe escolher onde, como e com quem parir, isso seguramente implica algumas mudanças de atitudes dos profissionais de saúde. Para que o momento do parto não seja um evento traumático para a mulher ou ainda para que este não traga complicações a mesma e ao conceito, no momento do parto devem ser respeitados o bem-estar físico e mental da mulher, para que isto aconteça a mulher deve ter sua privacidade, segurança e conforto assegurados, tendo em vista sua relevância para a parturiente.

Moraes, (2019) afirma que o enfermeiro atua proporcionando a mulher, durante o parto, maior conforto e segurança, sempre com uma escuta ativa e atenciosa. A criação de vínculo com a paciente é essencial para perceber as suas necessidades e então saber quais as ações a serem realizadas. Para que a assistência ao TP e parto aconteça de modo adequado e com o mínimo possível ou nenhuma intervenção, a equipe de enfermagem deve estar adequadamente preparada e qualificada, embasada cientificamente para acolher a parturiente e atuar de forma correta em situações de intercorrências durante o parto.

De acordo com Alvares et al. (2018), quando o cuidado à mulher durante o TP respalda-se nas relações interpessoais, valorização da linguagem não verbal, empatia e o conhecimento técnico-científico a consequência será o bem-estar materno e a confiança na equipe, proporcionando o empoderamento dessas mulheres durante a parturição. No Brasil, nos últimos anos, o trabalho das enfermeiras obstetras têm sido muito valorizado, principalmente porque esses profissionais são responsáveis por humanizar o parto, respeitando todas as suas etapas e dando à mãe auto soberania e domínio.

Segundo Almeida (2015), os enfermeiros são sensíveis e sabem da importância de prestar uma assistência adequada e de qualidade, por isso buscam sempre acolher a mulher, proporcionar sensação de segurança, identificar estressores como a dor, criar um ambiente de cuidado e confortar a si e sua família. Tendo em vista que há estudos que apontam que boas

práticas no cuidado ao TP e parto promovem melhores resultados obstétricos e são eficazes na redução de resultados perinatais negativos, este trabalho busca conhecer e analisar como acontece a assistência da enfermeira obstetra ao trabalho de parto e parto natural, identificando quais as intervenções mais usadas por estes profissionais e conhecer qual a percepção das parturientes quanto ao parto assistido pelo enfermeiro obstetra.

Metodologia

Este é um estudo prospectivo, descritivo e exploratório, com caráter quanti-qualitativo, aplicado em grupo focal. O estudo foi realizado no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara, situado na avenida Manoel Virgínio Sobrinho, S/N- padre Pedro Pereira, 56800-000, no município de Afogados da Ingazeira, localizado no sertão Pernambucano, a uma distância de 379 Km de Recife, faz parte da X Gerência Regional de Saúde (GERES), com uma população estimada de 37.546 habitantes conforme Censo Demográfico (IBGE 2021).

Os dados desta pesquisa foram coletados na referida instituição, no setor de obstetrícia, na ala de puerpério/enfermaria, onde as parturientes e puérperas foram selecionadas pelo processo de amostragem aleatória simples, respeitando os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, as quais responderam a um questionário. Foram incluídas 20 mulheres com idade entre 18 e 40 anos, em trabalho de parto, que pariram ou que estão no pós-parto mediato e imediato no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara. Foram excluídas as mulheres que seus recém-nascidos foram a óbito após o nascimento, aquelas que por algum motivo tiveram que ser submetidas a uma cesárea e que não preencheram o questionário por completo.

No presente estudo determinou-se como variáveis: Idade, Gestação, paridade e tipo de via de parto. Os dados foram coletados em setembro e outubro de 2022, por meio de um questionário/entrevista (Apêndice A), contendo perguntas objetivas e subjetivas que abordaram questões a respeito das intervenções e assistência prestadas a parturientes durante o trabalho de parto e parto conduzidos por enfermeiros obstetras. As parturientes responderam à 10 questões, sendo 2 questões subjetivas e 8 questões objetivas. Os dados obtidos por meio do questionário foram tabulados e apresentados em forma de tabelas, produzidas através do Microsoft Office Excel 2010.

A análise estatística foi realizada de forma descritiva por meio de porcentagem com tabelas. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, o pesquisador compromete-se a obedecer aos aspectos éticos legais de acordo com a Resolução N°510/2016 e N°580/2018 do Conselho Nacional de Saúde / Ministério da Saúde (CNS/MS) que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. O projeto foi encaminhado e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Integração do Sertão – FIS, sendo aprovado na sessão do dia 22 de setembro de 2022, através do parecer de número 5.659.937.

Resultados e Discussão

A enfermagem obstétrica é capacitada e por tanto responsável pelo cuidado as parturientes de gestações de risco habitual. Este estudo busca mostrar a importância desses profissionais em sua promoção de assistência humanizada.

Esta pesquisa foi realizada com 20 puérperas assistidas no trabalho de parto e parto natural por uma enfermeira obstetra no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara, no município de Afogados da Ingazeira, localizado no Sertão Pernambucano.

A tabela 1 apresenta o perfil das puérperas segundo sua faixa etária, gestações e paridade no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

De acordo com os dados coletados as participantes desse estudo tinham idade variando entre 18 e 40 anos, sendo a faixa etária mais predominante de 21 a 30 anos com 50% (10). No que diz respeito ao número de gestações a maior parte eram primigestas com 55% (11), seguida

pelas secundigestas 30% (06) e as com três ou mais gestações 15% (03). Sobre a paridade as primíparas eram 70% (14), as secundíparas 20% (04) e as múltíparas 10% (02).

Tabela 1- Perfil materno segundo sua faixa etária, gestações e paridade no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara, Afogados da Ingazeira- 2022.

Faixa Etária	N	%
18 a 20 anos	06	30%
21 a 30 anos	10	50%
31 a 40 anos	04	20%

Número de Gestações		
Primigesta	11	55%
Secundigesta	06	30%
Três ou mais gestações	03	15 %

Número de Partos		
Primípara	14	70%
Secundípara	04	20%
Múltípara	02	10%
TOTAL	20	100%

Em relação ao perfil materno segundo sua faixa etária, gestações e paridade no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara, Afogados da Ingazeira- 2022, as mulheres que tiveram parto vaginal na instituição em sua maioria, possuíam idade entre 21 e 30 anos, já no estudo realizado por Brasil, 2017, no que diz respeito a distribuição das puérperas por macrorregião do país segundo os extremos etários em hospitais conveniados a Rede Cegonha 66,7% dos partos realizados no Nordeste entre dezembro de 2016 e outubro de 2017, foram em mulheres entre 20 e 34 anos.

De acordo com Ricci (2008), primigesta é uma nomenclatura utilizada para caracterizar a mulher em sua primeira gestação. Os dados coletados neste estudo mostram que a maior parte das participantes eram primigestas, seguidas pelas secundigestas e em menor número as que já tiveram três ou mais gestações, enquanto que em um estudo realizado por Silva et al, (2020) no setor de alojamento conjunto de uma maternidade localizada na região Leste do município de São Paulo onde foi avaliada a distribuição das puérperas estudadas segundo os antecedentes obstétricos 25,6% eram primigestas, 29,5% eram secundigestas e 44,09% eram multigestas.

Em relação a paridade o presente estudo mostra que maioria das mulheres eram primíparas, prosseguida pelas secundíparas e com menor quantidade as múltíparas. Corroborando com o estudo em hospitais conveniados a Rede Cegonha de Brasil (2017), apenas 41,2% eram primíparas, 27,3% secundíparas e 14,9% eram múltíparas.

No que diz respeito a este estudo, quando comparados estatisticamente o número de gestações e partos, estes se diferem e isto se dá pelo fato de que algumas pacientes tiveram como desfecho de gestações anteriores o parto cesáreo, dado não quantificado neste estudo, porém interferem no quesito paridade.

Quando analisamos as características sobre a assistência prestada durante o trabalho de parto pela enfermeira obstetra, a tabela 2 mostra que quando perguntadas sobre a utilização de algum instrumento para alívio e desconforto da dor, 60% (12) das mulheres dizem não ter sido utilizado nenhum instrumento, já as outras 40% (08) dizem ter sido utilizado, entre eles a bola suíça em 37,5% (03), banho de chuveiro 37,5% (03) e massagem 25% (02).

Quando analisamos os dados no que diz respeito a oferta de alimentos durante o trabalho de parto o presente estudo aponta que 45% (09) das parturientes puderam se alimentar, enquanto que 55% (11) não puderam fazer ingestão de alimentos.

Em relação ao uso de algum meio de intervenção no momento do trabalho de parto e parto das que relatam ter recebido alguma intervenção, entre elas a mais comum foi o uso de alguma medicação para indução do parto 55% (11), seguido da amniotomia 30% (06) e a

Episiotomia em 10% (02), já 40% (08) das mulheres dizem não ter recebido nenhum tipo de intervenção.

Tabela 2 - Características sobre assistência prestada no HTRI- Hospital Regional Emília Câmara 2022

Durante o trabalho de parto foi utilizado algum instrumento para alívio da dor e desconfortos?		
Sim	08	40%
Não	12	60%
Se sim, quais?	-	-
Bola suíça	03	37,5%
Banho de chuveiro	03	37,5%
Massagem	02	25%
Durante o trabalho de parto foi permitido que você se alimentasse?		
Sim	09	45%
Não	11	55%
No momento do parto foi utilizado algum meio de estimulação ou intervenção?		
Sim	12	60%
Não	08	40%
Se sim, qual?	-	-
Medicação	11	55%
Amniotomia	06	30%
Episiotomia	02	10%
TOTAL	20	100%

Uma tarefa importante para as enfermeiras obstetras é auxiliar as parturientes a tolerar o sofrimento e a dor do parto. Isto pode ser alcançado através de alívio da dor com métodos não farmacológicos, como o uso da bola suíça, massagem, banho de chuveiro morno, uso de banqueta e outras ferramentas importantes, não invasivas, porém com comprovação científica, utilizadas durante o trabalho de parto.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) 2018, com base em vários estudos pelo mundo, estabeleceu um documento de modo a reduzir o impacto das intervenções obstétricas, orientando todos os profissionais de saúde para o que deve e o que não deve ser realizado no momento do parto. O Brasil adotou através da Rede Cegonha as boas práticas para garantir qualidade na assistência ao componente "Parto e nascimento" (MELO et al, 2017).

A respeito do uso de métodos e instrumentos para alívio da dor e desconfortos causados pelo trabalho de parto, o presente estudo traz dados de que poucas das parturientes durante o seu trabalho de parto receberam algum desses métodos, já em um estudo de Balbino et al, (2020) realizado na cidade de Araraquara em uma maternidade no interior do estado de São Paulo, quando avaliados a distribuição dos dados clínicos das participantes segundo métodos não farmacológicos, 30% das parturientes dizem não ter recebido nenhum método não farmacológico para alívio da dor.

No presente estudo os métodos não farmacológicos mais utilizados foram a bola suíça, o banho de chuveiro e a massagem dados que confirmam o estudo de Brasil, 2017 sobre práticas obstétricas na atenção ao trabalho de parto e parto segundo faixa etária materna de acordo a Rede Cegonha, onde 47,4% das mulheres realizaram o banho de chuveiro para alívio da dor e 28,2% utilizaram a bola suíça.

De acordo com Coelho et al, (2018) os métodos não farmacológicos são recursos utilizados para substituir o uso de fármacos e tecnologias invasivas durante o trabalho de parto e do parto, sendo eles a hidroterapia, representada pelo banho de chuveiro, a deambulação e mudanças de posição, exercícios de respiração e de relaxamento, massoterapia, bola suíça, musicoterapia, eletroestimulação cutânea, cinesioterapia, entre outros, podendo ser utilizadas de forma isolada ou conjugada.

Em relação a ingestão de alimentos durante o trabalho de parto quando analisamos os dados no que diz respeito a oferta de alimentos durante o trabalho de parto, o presente estudo aponta que uma pequena porção das parturientes puderam se alimentar. Quando comparados

esses dados a um estudo de Alves et al, (2019) em Goiânia- Goiás, através da análise de prontuários sobre as boas práticas no trabalho de parto e parto de mulheres que tiveram parto vaginal num hospital estadual da região Central do Brasil no ano de 2016, 68% das parturientes quando assistidas pela enfermagem obstétrica puderam fazer ingesta de alimentos durante o trabalho de parto.

Quando as pacientes foram questionadas sobre o profissional que as assistiram no trabalho de parto e parto 100% (20) das participantes afirmam terem sido assistidas pela enfermeira obstetra, assim como, afirmam que estas profissionais facilitaram o seu trabalho de parto. De acordo com Mucke et al, (2020), o nascimento é visto pelo enfermeiro obstetra como um acontecimento fisiológico, natural, que deve acontecer com respeito e humanização, para isso é preciso ter um olhar holístico da paciente buscando detectar precocemente possíveis distorcias, garantindo uma intervenção imediata.

É a enfermeira obstetra quem acompanha de perto a parturiente em todo o seu trabalho de parto e está sempre atenta a possíveis sinais atípicos desse processo, tanto no que diz respeito a parturiente quando ao concepto. O que podemos identificar na prática clínica, é o quão é importante essa assistência prestada através da enfermagem obstétrica e o impacto no que diz respeito a mãe- concepto, pois estes profissionais respeitam a fisiologia natural do parto e dentro de limites seguros, as boas práticas de enfermagem na assistência ao parto normal devem ser incorporadas a rotina dos serviços obstétricos.

No contexto da utilização de tecnologias e procedimentos durante o trabalho de parto, há vários meios de intervenções, sejam eles medicamentosos ou através de manobra e procedimentos, sendo mais comumente utilizados o uso de medicamentos, manobra de kristeller, amniotomia e episiotomia.

Segundo Assis et al (2018), o uso de drogas interventoras são responsáveis por garantir a evolução apropriada do parto, isso quando houver algum fator que incapacite ou dificulte o desenvolvimento natural da primeira fase do parto. Nesse aspecto, são utilizados dois principais medicamentos: ocitocina e misoprostol, que diferem no que diz respeito à indução e condução do parto.

Diante não é importante destacar que na instituição pesquisada a prescrição e decisão pelo uso de fármacos para estimulação do parto, como a ocitocina e o misoprostol quando necessária, é de escolha e prescrição médica em conjunto a conversa com a paciente.

No que se diz respeito a realização de episiotomia apenas uma parcela muito pequena das participantes relatam que precisaram passar por esse procedimento, já no estudo de Nunes, (2019) realizado na maternidade do Hospital Regional de São José Homero de Miranda Gomes, no município de São José, estado de Santa Catarina, onde a prevalência de realização de episiotomia foi de 32,1%, dado com certa discrepância tendo em vista que a OMS apud, Nunes (2019), preconiza uma taxa de episiotomia em torno de 10%.

No entanto, procedimentos como a episiotomia e a manobra de kristeller mesmo não sendo recomendadas, devem ser avaliadas de maneira criteriosa em seu uso, tendo em vista que quando utilizadas em situações pontuais podem preservar a vida do concepto, porém o seu uso de forma indiscriminada e rotineira deve ser desencorajado.

Quando observado no estudo em geral, não foram relatadas condutas violentas, onde as mulheres atuaram como protagonistas do próprio corpo e assim também do seu parto, preservados seus direitos de mulher e paciente, com a escuta de suas queixas e anseios, corroborando com estudo de Possati, (2017) realizado no centro obstétrico de um hospital de ensino do Sul do Brasil.

No ano de 2000, buscando a diminuição nos índices de morbimortalidade materna e neonatal e de intervenções obstétricas desnecessárias em meio aos partos, o Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento (PHPN) firmou o profissional enfermeiro como coparticipante da PNAP (Política Nacional de Atenção ao Parto), com a finalidade de incentivar o parto normal e consequentemente reduzir as taxas de cesarianas (CASSIANO et al., 2020).

No presente estudo quando questionadas sobre a importância da assistência da enfermeira obstetra no trabalho de parto e parto, as puérperas relataram:

“Muito boa atenção, excelente, me senti mais segura” (M01, M03, M04, M07, M10, M12, M13, M16 e M18).

“A assistência de enfermagem é ótima pelo fato do acompanhamento do toque e nos momentos de ouvir os batimentos” (M 06).

“É de extrema importância porque passa mais confiança, para a paciente se torna um parto mais humanizado e prevenindo que haja alguma complicação” (M02, M05, M11, M14, M 15 e M19).

“Toda importância, desde a orientação até o parto. Profissional totalmente capacitada” (M 08, M09, M17 e M 20).

De acordo com os relatos das puérperas a presença assídua da enfermeira obstetra é de extrema importância para o trabalho de parto e parto pois esta foi lembrada por orientar, demonstrar força e passar segurança nesse momento. A paciência, dedicação e destreza dessas profissionais foram frutos de muitos elogios, fato que enaltece as mesmas e geram sentimentos de grande contentamento nas parturientes.

Os dados deste estudo corroboram com um estudo realizado por Silva et al, (2017) em uma maternidade de grande porte na cidade de Teresina-PI, onde os dados coletados mostram que a atenção e a presença da equipe de enfermagem no quarto passam tranquilidade e segurança nos momentos de tensão no pré-parto.

Quanto as parturientes foram perguntadas sobre sua satisfação em relação a assistência de enfermagem obstétrica prestada durante o trabalho de parto as mulheres afirmam:

“Sim, porque fui bem atendida e acompanhada, elas tratam as pacientes muito bem e se prestaram bem dedicadas”. (M01, M04, M05, M07, M08, M10 e M 16).

“Sim elas me deram coragem e confiança quando achei que não ia conseguir”. (M02, M06, 09, M11, M13, M14, M15).

“Estou totalmente satisfeita, profissional de extrema importância, que fazem seu trabalho de maneira singela e com muita responsabilidade” (M 17).

“Sim, porque foi essencial na ajuda do trabalho de parto, foi muito presente na hora do parto” (M03, M12, M18 e M 20).

“Porque todo momento estava mim dando força pra mim não desistir” (M 19).

Como relatado pelas puérperas a presença e a companhia da enfermeira obstetra, denotou na percepção delas, uma boa assistência e evidenciou ser algo bastante relevante no âmbito da sensação de não se sentirem sós. A enfermagem obstétrica tem um papel fundamental no cuidado e acolhimento as mulheres em trabalho de parto e no parto, incentivando o diálogo, oferecendo apoio, conforto, compreensão, estabelecendo uma relação de confiança e diminuindo o tão temido medo do parto.

Segundo Balbino et al, (2020) o papel do enfermeiro é fundamental no momento do parto. Este profissional estabelece vínculos de confiança, além de encorajar e motivar a parturiente a ser protagonista do seu parto. Como mostrado, o enfermeiro é o profissional da equipe de saúde que fica marcado na memória das mulheres, uma vez que promove maior acolhimento e assistência diferenciada, atuando na redução dos eventos do trabalho do parto, como também nas preocupações da mulher e da família neste momento único.

Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, destaca-se a relevância da presença dos profissionais de enfermagem obstétrica no parto natural, sendo estes, parte indispensável na promoção da humanização a este processo, considerando sua atenção acolhedora, em todas as fases do trabalho de parto e parto, desenvolvendo vínculo de confiança entre a paciente e a equipe.

A presença do profissional de enfermagem obstétrica garante as parturientes o seu protagonismo nesse momento ímpar na vida da mulher, além de assegurar partos com menos intervenções, no entanto, elas ainda existem mesmo que com menos frequência, assim como é

importante destacar que o uso das boas práticas apesar de não ser uma realidade em todos os partos, resultam em maior influência positiva as pacientes oferecendo segurança e conforto as mesmas.

É importante salientar que a humanização e os cuidados proporcionados a parturiente acarretam em benefícios a saúde da mesma, ocasionando assim na diminuição de complicações no parto.

Os resultados desse estudo compreendem apenas a realidade de um hospital da região do Sertão do país, no entanto, seus dados conferem importância ao tema. Portanto mais estudos para o cenário nacional são necessários, tendo em vista que poderiam proporcionar uma melhor avaliação neste âmbito, para que novas estratégias de transformação das práticas da assistência obstétrica sejam levantadas.

Referências

ALMEIDA, Olivia Souza Castro; GAMA, Elisabete Rodrigues; BAHIANA, Patricia Moura. Humanização do parto: a atuação dos enfermeiros. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 4, n. 1, 2015.

ALVARES, Aline Spanevello et al. Humanized practices of obstetric nurses: contributions in maternal welfare. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 71, p. 2620-2627, 2018.

ASSIS, C C, S; MAIA, L. P; SILVA. J;. Fármacos interventores no parto: a importância da enfermagem nesta conduta. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 09, Vol. 2018.

BALBINO, Elaine Cristina Ribeiro; DOS SANTOS, Maitê Cristina Jan; BORGES, Mariana Lopes. Uso de métodos não farmacológicos no alívio da dor no trabalho de parto: a percepção de mulheres no pós-parto. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 23, n. 2Supl., p. 65-78, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento / Ministério da Saúde. Universidade Estadual do Ceará. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 465 p.: il. – (Cadernos Humaniza SUS; v. 4).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal: versão resumida/ Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

CASSIANO, Alexandra do Nascimento et al. Atuação do enfermeiro obstétrico na perspectiva das epistemologias do Sul. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2020.

COELHO, Kathlin Cristina; DA SILVA ROCHA, Ivanilde Marques; DA SILVA LIMA, Anderson Luiz. Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante trabalho de parto. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 8, n. 22, p. 14-21, 2018.

COFEN. Resolução COFEN Nº 0477/2015. Dispõe sobre a atuação de Enfermeiros na assistência às gestantes, parturientes e puérperas. Brasília, 14 de abril de 2015.

DA SILVA, ISMARA ALVES et al. Percepção das puérperas acerca da assistência de enfermagem no parto humanizado. **Revista Uningá**, v. 53, n. 2, 2017.

DE MELO, Bruna Marques et al. Implementação das boas práticas na atenção ao parto em maternidade de referência. **Rev Rene**, v. 18, n. 3, p. 376-382, 2017.

DE MOURA ALVES, Taynara Cassimiro et al. Contribuições da enfermagem obstétrica para as boas práticas no trabalho de parto e parto vaginal. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 4, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Afogados da Ingazeira, Pernambuco: IBGE, 2010.

LEISTER, Nathalie; RIESCO, Maria Luiza Gonzalez. Assistência ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, p. 166-174, 2013.

MORAES, R. S. Dificuldades dos enfermeiros na implantação do parto humanizado. Monografia (Bacharel em Enfermagem) - Graduação em Enfermagem 2019. – Fundação Educacional de Além Paraíba, Além Paraíba, 2019.

MUCKE, Ana Cristina et al. Prática do enfermeiro obstetra na assistência ao parto de risco habitual. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, v. 5, p. e25161-e25161, 2020.

NUNES, D. R. et al. Avaliação dos fatores determinantes à realização da episiotomia no parto vaginal. **Enferm. Foco** [Internet]. 2019 [cited 2022 jan 15]; 10 (1): 70-5.

PEREIRA, Sinara Santos et al. Parto natural: a atuação do enfermeiro diante da assistência humanizada. **Tempus-Actas de Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. ág. 199-213, 2016.

POSSATI, Andrêssa Batista et al. Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras. **Escola Anna Nery**, v. 21, 2017.

VIELLAS, Elaine Fernandes et al. Assistência ao parto de adolescentes e mulheres em idade materna avançada em maternidades vinculadas à Rede Cegonha. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 847-858, 2021.

WHO recommendations: intrapartum care for a positive childbirth experience. Geneva: World Health Organization. 2018..

Recebido: 16/02/2024

Aprovado: 18/03/2024